

MUNDO DO

Leite

A Revista do Mercado Lácteo

Out-Nov/2011 Ano 9 • Nº 51 • R\$ 8,00

Materiais:

André Nogueira pg. 39

Alexandre Pedrosa: pg. 48

SUCESSÃO para a continuidade do negócio

A sucessão nas fazendas já leva em conta não apenas os laços de sangue, mas também a gestão profissional.

GESTÃO

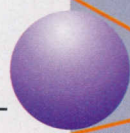
**CERTIFICAÇÃO PARA
MELHORIA GERAL**

PLANEJAMENTO

**MAIS LEITE COM O
REBANHO ESTRUTURADO**

GENÉTICA

**Melhoramento
genético a passo
acelerado**



ANDRÉ NOVO

Engenheiro Agrônomo da Embrapa Pecuária Sudeste, em treinamento de pós-graduação na Universidade de Wageningen, Holanda.

O leite e a família

Se alguém lhe disser que um determinado produtor – vizinho, amigo, ou que tenha sido assunto de uma matéria de jornal ou revista – produz leite, mas é do tipo familiar, qual imagem lhe vem à mente? É provável que seja de alguém que produz de forma rudimentar, quase extrativista, ordenhando poucas vacas magras, apenas para subsistência de sua pobre família. Pois bem, esse é um dos mitos que a minha breve experiência aqui na Holanda ajudou a derrubar. O emprego inadequado desse termo no Brasil cria desentendimento entre técnicos, confusão na imprensa especializada e afeta o destino de políticas públicas, pelo desconhecimento do que seja um produtor de leite familiar.

Quando o clima local permite, ou seja, raramente, um dos passeios favoritos de quem mora por aqui é andar de bicicleta por entre as propriedades rurais, observando as belas paisagens e, logicamente, os sistemas de produção de leite. Chamam muito a atenção as placas indicativas na entrada das fazendas (foto), informando o que se produz naquele local (leite, ovos, suínos), o ano de início da criação e, principalmente, o nome da família, na parte inferior. Em praticamente todas as fazendas ou granjas leiteiras consta o nome da família, o que indica uma grande predominân-

cia de sistemas familiares na condução da atividade leiteira.

A contratação de mão de obra para ordenha, ou para qualquer outra atividade, é algo impensável, devido ao elevado custo. Essa característica familiar também é encontrada em outros países de pecuária desenvolvida, onde leite é uma atividade lucrativa, capaz de proporcionar uma boa renda e elevado padrão de vida quando conduzida de forma racional e eficiente. Com isso, a nossa tradicional visão do que seja familiar é muito limitada. Produtores que têm a família como base do negócio podem ser altamente especializados, eficientes, com boa escala de produção e serem acima de tudo profissionais.

Isso não significa que as famílias de produtores holandeses não tenham desafios sérios. Por exemplo, o alto valor da terra em um país densamente povoado faz com que seja cada dia mais

difícil para os produtores remunerar o capital empregado na atividade. A demanda por terras é enorme, em especial por empreendimentos imobiliários – no Brasil isso também ocorre, não somente no Estado de São Paulo, mas também na periferia de outros centros urbanos. Outro ponto delicado é a questão social inerente à atividade leiteira, que não favorece descansos semanais ou férias. Esse fator tem sido decisivo na opção dos jovens pela vida na cidade, mesmo que seja para obter menor renda. No longo prazo, isso pode trazer problemas na sucessão da terra. Um dos indicadores de que esse é um problema real é o crescente número de ordenhas robotizadas, cada vez mais populares nas fazendas leiteiras daqui.

No Brasil, tenho tido a oportunidade de presenciar o grande potencial da agricultura familiar, especialmente nas propriedades acompanhadas pelos técnicos do Projeto Balde Cheio. Ao longo de vários anos de atuação, o projeto tem atendido famílias por todo o território nacional, por meio do treinamento de técnicos de extensão e pela introdução gradativa de tecnologias adequadas à realidade de cada local. Sem dúvida, esse é o melhor caminho para se mudar definitivamente a visão destorcida do que seja um produtor de leite familiar em nosso País. ■

